



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de Junho de 2007 • Ano LXIV • N.º 1650
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Dia Mundial da Criança

VIVEMOS tão preocupados com as nossas crianças... Sejamos justos, nem sempre de forma sincera e responsável.

Deveríamos pensar em todas as crianças, não só as de caso mediático. Sentir o mesmo com aquelas a quem foi negado o direito de nascer, independentemente das circunstâncias em que foram geradas. Ninguém é dono de coisa alguma, muito menos da vida do outro.

Aqui começa alguma falta de responsabilidade, de sinceridade, alguma hipocrisia no discurso «criança».

Depois, tantos sinais culturais e de promoção, que são verdadeiros atentados à inocência e ao pudor, agindo como estimulante ao desregramento e à perversão: programas televisivos, abuso da internet, campanhas publicitárias, etc.

Além disso, é preciso centrar sempre o assunto «criança» no espaço família, hoje, como sabemos, tão mal compreendida e olhada de forma confusa. Como em tudo, a criança é ela e a circunstância da família que a rodeia. Circunstância material, humana e psicológica. Proteger a família em todas as circunstâncias deve ser obrigação de quem rege a «coisa» pública. Nem sempre assim acon-

tece. A manipulação e o controlo sobrepõem-se à protecção de forma camuflada, através de políticas corrosivas e de interesses obscuros disfarçados cujo fim último é o «económico».

Sente-se, na confusão existente, a ausência dum Ministério determinado em defender as grandes questões da Família e tudo o que o ela diz respeito. Escolas problemáticas, alunos problemáticos, são espelho da degradação global em que vivem mergulhadas muitas famílias.

Na proximidade do Dia Mundial da Criança não podemos deixar de pensar com preocupação nas nossas crianças. Não é apenas por ser o Dia Mundial que isso, às vezes, até distrai, mas porque se trata de mais uma ocasião, entre muitas, de olharmos para os problemas que se cruzam com tudo o que lhes diz respeito.

De onde escrevemos estas linhas desfruta-se um lindo panorama da nossa Aldeia. Não vemos crianças, como em outros tempos. Também não estão na escola nem vão a caminho da sala-de-jantar, é que não as há: «Não diga isso...», dizia-nos alguém apresentando números e situações concretas de abandono no Grande Porto.

Continua na página 4



Dinis — mais um neto desta grande «Família que somos, onde o pai come à mesa e reparte com os seus filhos».

Setúbal

Situações difíceis

PELOS casos em que nos vemos envolvidos, qual mostra uma realidade que desconhecemos no seu conjunto, antevemos um mundo de situações difíceis, de crianças originárias das ex-colónias portuguesas que vêm a Portugal em busca de tratamentos de saúde.

Os dedos de uma mão não chegam para contar os casos a quem a temos estendido. Outros, por diversas razões, não temos acolhido, embora nos fique alguma amargura de situações que percebemos difíceis, para o pai ou a mãe que trouxeram seu filho em busca de tratamento para um problema de saúde, para o qual, na sua terra, não acharam solução.

Pergunto-me, como se pode acolher gente estrangeira, embora conosco tendo afinidades, sem que haja a necessária preocupação com os meios de subsistência que hão-de ter, enquanto permanecem entre nós! Enquanto os tratamentos das crianças se vão sucedendo, o pai ou a mãe têm necessariamente que procurá-los, buscando trabalho que lhes permita alcançá-los. Quem cuidará do filho entretanto?

Nós surgimos como tábua de salvação, de estabilidade e de garantia para o bom êxito dos cuidados de saúde de que as crianças precisam. Mas não é esta a finalidade da nossa existência, como família para os sem família.

Em situação oposta a estes casos, estão outras crianças, portuguesas entre portuguesas, para as quais é pedida a nossa ajuda, que têm os meios materiais necessários à vida e mesmo quem diga estar disposto a dar-lhes apoio humano, mas não estão nada integrados no meio familiar a que pertencem.

É o caso de um pequeno que fomos conhecer. Depois de ter vivido com o pai, por muito pouco tempo, vai já na terceira figura paterna, e com muito má experiência das duas primeiras. Os problemas vão-se avolumando, e os desvios para uma

Continua na página 3

A delinquência juvenil está na ordem do dia. Grupos de adolescentes e jovens estão a surgir, à margem da vida normal do cidadão comum. Esta situação tem muito a ver com a família. A maior parte destes filhos não nasceram e cresceram debaixo dos cuidados da mãe e do pai. É impressionante o número de crianças geradas fora do ambiente familiar!

Abre-se, deste modo, com mais frequência e facilidade, a porta da rua para estes filhos. O seu número aumenta, dia-a-dia. O pai desaparece e deixa a criança no ventre da mãe, sem preparação e maturidade suficientes para um papel de tão grande responsabilidade. É um crime contra os Direitos da Criança, gerada para nascer numa família, onde o amor do pai e o carinho da mãe são o ambiente natural para o seu crescimento estável, equilibrado.

Diz-se que a família é a célula da sociedade. É verdade. Uma sociedade será tanto mais saudável, quanto mais vigorosa for a família. Por isso, no campo social, a nível dos governos, uma política correcta da família, animada e sustentada pelos valores humanos autênticos, deve ser uma das grandes prioridades. A unidade, a estabilidade, o amor

Benguela

Vamos segurar a Família

autêntico que está na base. Este amor marcado pelo dom da própria vida, no viver diário. A habitação, o emprego digno e estável, são condições essenciais para a sobrevivência e garantia da fidelidade aos valores humanos da família e ao seu desenvolvimento.

Mas, como levantar uma família sobre este alicerce, se não houver a preparação, a formação dos auto-construtores? A primeira escola é a própria família, onde os filhos nascem, crescem e se preparam para a vida. Há outras ajudas substanciais a complementar o trabalho da família. É um dos compromissos sociais mais sensíveis. O bem-estar das nações está ligado ao bem-estar da família. Vamos segurar a família.

Foi impressionante o número de mulheres que bateram à porta do nosso coração, com os filhos dependurados nos peitos secos, a pedir-nos a mão, porque queriam

viver e não tinham nada. Os homens, pais das crianças, ficaram por lá, dispersos, à busca da sobrevivência. Demos-lhe a mão. Recuperaram a confiança na vida. Puseram a render o seu capital humano em actividades que lhes garantiam o pão, a casa, a saúde, a escola para os filhos. Os maridos perdidos foram-se reencontrando e o lar voltou a existir, embora de forma precária. Os filhos, entretanto, voltaram a ver a cara dos pais e a chamar pais àqueles homens. São passos que marcam a vida das crianças e abrem-lhes o caminho de cidadãos normais, cortando-lhes a trajectória das penitências, muitas vezes.

É um trabalho de raiz, junto do Povo pobre e miserável que é capaz de reagir às forças da degradação com a ajuda de mãos dedicadas, generosas. Recuperaram o amor à vida e transmitem-no aos filhos, em gestos de cari-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

O DIREITO A NÃO SER POBRE — «Desenvolvimento e Solidariedade» é o título da Nota Pastoral dos Bispos Portugueses, publicada a 19 de Abril, para assinalar os 40 anos da Encíclica 'Populorum Progressio' ('Desenvolvimento dos Povos') de Paulo VI e os 20 anos da Encíclica 'Sollicitudo Rei Socialis' ('Solicitude Social da Igreja') de João Paulo II.

No pontificado de Paulo VI, os temas dos Direitos Humanos, Justiça e Paz ocupam lugar de relevo. Salientam-se, nesse âmbito, a encíclica 'Populorum Progressio' (PP), o Sínodo sobre a Justiça no Mundo (1971) e as Mensagens para o Dia Mundial da Paz.

A PP apareceu onze meses após a 'Gaudium et Spes' (Vaticano II) e apresenta, antes de mais, a questão social como a realidade do mundo inteiro, onde os povos da fome se dirigem aos da opulência. E, logo no início, Paulo VI promete criar a Comissão Pontifícia Justiça e Paz para promover o progresso dos mais pobres e favorecer a justiça social. A primeira parte da PP é sobre o desenvolvimento integral da pessoa humana e a segunda aponta perspectivas para o desenvolvimento solidário da humanidade, onde a fraternidade ocupa um lugar central. O Papa afirma que o mundo está doente porque os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Na conclusão, Paulo VI fala da Paz que passa pelo desenvolvimento.

João Paulo II, 20 anos depois, escreveu a 'Sollicitudo Rei Socialis' (SRS), para apresentar a concepção cristã do desenvolvimento que inclui, não só as dimensões política, económica e social, mas também a cultural e espiritual.

Esta encíclica social apresenta algumas novidades: a divisão do mundo em blocos opostos é indicada como uma das principais causas da existência do subdesenvolvimento (estamos antes da queda do muro de Berlim); a produção, a acumulação e o comércio de armas são factores extremamente negativos na problemática do desenvolvimento; há uma relação profunda entre o desenvolvimento e a ecologia: os ritmos da natureza não se podem violentar; a consciência moral é um factor decisivo no desenvolvimento; Os aspectos culturais do desenvolvimento e o respeito devido à identidade de cada povo; a visão da preparação militar da guerra como contrária ao desenvolvimento; a negação da Doutrina Social da Igreja como a terceira via entre o Capitalismo e o Marxismo.

Os Bispos Portugueses dizem que, 40 anos depois da PP, 190 países reconhecem o direito a não ser pobre como um dos direitos humanos, há mais consciência da dignidade humana e generalizou-se a preocupação com a Paz. Sobre Portugal, há 21% de pessoas pobres a libertar desta situação, temos a exclusão

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 52.650 exemplares

social, o desemprego, o emprego precário, a desertificação do interior, o envelhecimento da população, o isolamento dos idosos, as deficiências no sistema de saúde, o desenraizamento dos imigrantes, os problemas da educação... questões a enfrentar com coragem, problemas a erradicar. Como positivo, os Bispos apontam a onda de voluntariado.

Tony Neves
in Agência Ecclesia»

PARTILHA — Assinante 29745, de Naugatuch, Estados Unidos: «Somos uma família portuguesa, residente na América. Pertencemos a uma paróquia onde existe uma Conferência de S. Vicente de Paulo, da qual minha mulher é representante e responsável. Há dias, numa das reuniões, chamou a atenção pedindo uma ajuda para os Pobres dos vicentinos da Casa do Gaiato. Há já bons anos que somos assinantes d'O GAIATO. Mandou quinhentos euros».

De Carregosa: «trezentos euros, contributo de Fevereiro e Março para aplicarem no que mais necessitarem. Espero, brevemente, acertar as minhas contas».

Os Pobres são muito gratos.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Está a chegar ao fim a nossa época desportiva de 2006/2007. Faltam apenas seis jogos. Dois dos quais, para nós, estão fora de qualquer sentido de competição: a nossa ida à Casa do Gaiato de Setúbal, no fim-de-semana de 16/17 de Junho; e fazer o último jogo da temporada, uma semana depois, com os Antigos Gaiatos, em Paço de Sousa. Dois jogos, onde o resultado não é o mais importante. Ganhe quem ganhar: ganha o Gaiato. Entre família não pode e não deve haver rivalidades, muito menos rixas antes, durante e depois dos jogos. A equipa da Casa do Gaiato de Setúbal é, sem dúvida, mais forte do que a nossa. Tem outro tipo de futebol e está muito mais bem preparada, quer fisicamente, quer psicologicamente. Por isso, o nosso objectivo é confraternizar fora e dentro do «estádio da terra vermelha», como eu lhe chamo. No que toca ao jogo com os Antigos Gaiatos, o raciocínio segue no mesmo sentido, atendendo que todos eles são mais velhos, e muito, e mais maduros. Como estes dois jogos são disputados entre nós, à equipa que mais golos marcar, fica muito bem, a entrega da «taça invisível», já que o Amor uns pelos outros, também não se vê, mas sente-se!

E por falar em sentir?! Se eu não visse, não acreditava! A semana passada, deslocámo-nos ao campo do Aliança F. C. Gandra, um dos campeões de juniores da A. F. Porto. Antes do nosso desafio, assistimos ao Gandra-Rio Ave, em Iniciados. Fomos muito bem recebidos e no fim do jogo, a respectiva merenda, oferecida por eles.

Pelas 17h30, começou o nosso jogo. E começou bem! Marcámos logo aos cinco minutos. Tudo parecia bem encaminhado, mas os nossos Rapazes esqueceram-se que do outro lado, estava um campeão. No final dos pri-



BENGUELA — «Diz-se que a família é a célula da sociedade. É verdade. Uma sociedade será tanto mais saudável, quanto mais vigorosa for a família.»

meiros quarenta e cinco minutos, estávamos a perder por 4-1. Bom! Realmente não estava a correr como nós queríamos. A nossa defesa, mais uma vez, voltou a estar como «manteiga» e a ser um «poço» de desentendimento. «O relógio, às vezes, parece que pára!» Para a segunda metade, alteramos o esquema e, fundamentalmente, o estado de espírito, para encararmos com optimismo a segunda metade. Rapidamente chegámos à igualdade. Mas a estrelinha da sorte não estava com a gente. A cinco minutos do final, o árbitro marcou uma falta à entrada da nossa grande área — há quem diga que não existiu — mas o certo, é que o juiz da partida marcou, o Teixeira foi traído pela barreira, a bola entrou e colocou o Gandra como vencedor do encontro. Para nós, depois do que se passou na segunda parte, foi uma derrota com sabor a vitória. Mas foi mesmo! Não houve problemas e isso é o melhor da festa. Quando se sabe estar em campo, respeitando a equipa de arbitragem e o «adversário», obrigatoriamente, tem que correr bem. Os nossos golos foram apontados por: «Bolinhas», um lutador incansável; Gil, o sereninho, risonho mas certinho; Ilídio, o inconfundível e que se pode considerar um verdadeiro gigante; e por fim, «Russo», depois de «meter alguma água», fechou a contagem com um golo daqueles de levantar estádios. Rapazes capazes do pior..., mas com uma vontade «cega» de fazer o melhor possível. Só eles! Eles são o elo mais forte deste grupo de trabalho, onde em cada jogo, procuram ter compreensão, demonstrando muita dedicação, para com todos aqueles que com eles gostam de estar.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Andámos a arrancar as ervas daninhas (junça e saramagos) das cenouras, das nabijas, do cebolo, do feijão e das alfaces.

Também a sulfatar a batata para matar o escaravelho que começa a «atacar», as videiras e as árvores de fruto.

Andámos «jardinar», ou seja, a

arrancar as ervas daninhas dos nossos jardins, cortar a relva, etc.

Como o nosso campo de futebol também tinha alguma erva, em certas zonas do terreno, cortámo-la.

ANIMAIS — Dos 6 «gansinhos» que nasceram, infelizmente, um morreu. No entanto, os outros 5 estão a desenvolver-se bem. Julgamos que já não devem morrer, pois estão crescidos e fortes.

O curral das ovelhas está em obras. Vedou-se um terreno em redor dele e abriu-se uma porta de acesso. Agora, as ovelhas podem pastar à vontade, sem danificar a horta ou outra cultura.

VISITAS — Em 26 de Maio recebemos a visita dos grupos de Catequese de Pedrógão.

Chegaram por volta das 11h00. Eram cerca de 150, acompanhados pelos seus catequistas.

Chegados, foram divididos em grupos. Enquanto uns viam o PowerPoint sobre a nossa Casa, outros visitavam-na orientados pelos Rapazes.

Antes do almoço realizámos um jogo de futebol.

Almoçaram cá em Casa e, depois, participaram na Missa celebrada pelo nosso Padre Carlos.

O convívio continuou, da parte da tarde, e terminou com uma merenda partilhada que nos trouxeram.

Antes de partirem ainda nos deixaram algumas ofertas, nomeadamente: roupas, calçado, mercearias, material escolar, brinquedos, etc.

Foi um dia muito divertido, de convívio e de amizade.

Queremos aqui deixar um bem-haja, pelo carinho e pelas ofertas.

No mesmo dia, por volta das 13h00, visitou-no, também, um grupo de Antigos Alunos do Seminário da Figueira da Foz. Foi muito rápida, pois apenas fizeram uma visita guiada à nossa Casa e logo se foram embora.

Em 28 de Maio, recebemos a visita de uma Escola de Santarém (Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos Mem Ramires).

Chegaram por volta das 11h30 e passaram parte do dia connosco.

Convivemos uns com os outros, jogámos futebol, brincámos... enfim, foi muito divertido.

No final ofereceram-nos algum material escolar, bem como roupas, artigos de higiene, etc.

Deixamos aqui uma palavra de agradecimento pelas ofertas.

DESPORTO — Estamos a pensar organizar jogos de futebol contra outras equipas que queiram conviver connosco. Vamos começar a fazer treinos regulares para estarmos preparados. Se algum clube, colectividade ou empresa tiver a amabilidade de nos oferecer equipamento e bolas, ficaríamos muito agradecidos.

Alunos do Alternativo

Setúbal

ESCOLA — Neste momento os Rapazes estão a entrar na fase derradeira na Escola. Eles estão a fazer os possíveis para terem resultados positivos nos exames e conseguirem os seus objectivos, que é passar de ano. Quem tiver maior aproveitamento de certeza que passa.

É preciso ter força de vontade.

BATATA — Na semana passada acabámos de apanhar a batata que estava há mais tempo na terra. Tivemos muita batata nesse terreno. Já foi colhida e guardada na casa-da-batata, para consumo.

OBRAS — Eu estive a ajudar o senhor Paulo a fazer umas obras na Associação do Gaiato. Na eira as obras vão andando. O senhor Renato, o «Zeca» e o João, estão a pôr as grades no estendal. O senhor Nascimento e o André estão a dar uns ajustes na casa 4, para ficar mais bonita.

PISCINA — O Filipe da «Lota» já tem andando a começar a vaziar a piscina porque o Verão aproxima-se e a piscina precisa de uma limpeza, para nós Rapazes podermos alegremente gozar as férias de Verão.

RAPAZ NOVO — Há uns dias veio, para cá, um Rapaz novo chamado Bacar. O rapaz veio de Lisboa, tem 7 anos e gosta de brincar com os outros. É humilde e engraçado. Gosta de jogar futebol com os da sua idade.

Tiago

Momentos

Cantinho para Rapazes e não só

ARMADILHAS é surpresa e motivo de diversão para os Rapazes neste princípio de Junho. Armadilhas para caçar moscas.

Muito os tem entusiasmado um simples e artesanal engenho com que se faz o engodo às moscas, para as apanhar e meter em roda-viva, até caírem dentro dum garrafão plástico de água, voltado do fundo para o ar, após corte do gargalo e tendo-o enrolado em côncavo para dentro quanto possível, em forma de funil voltado ao contrário, até levar alguma água e uns bocados de sardinha, pequena de preferência, ou de qualquer outro peixe.

O insecto entra dentro do garrafão pela abertura do gargalo cortado, atraído pelo cheiro do peixe, sem jamais atinar por onde entrou, acabando por morrer de cansaço a voar no interior do plástico transparente, ou afogado na água suja.

Nas horas de calor mais intenso, são às dezenas as moscas em rodopio dentro das claras vasilhas, oferecendo aos Rapazes, que as detestam, um espectáculo de prazer delirante.

Num ambiente agrícola como o nosso, onde os animais são abundantes, as moscas são férteis. Esta forma de as eliminar é mais natural do que com produtos químicos ou instrumentos eléctricos, mais intuitiva e, por isso mesmo, muito divertida aos olhos desta juventude.

Parece que eles contemplam, vitoriosos, o castigo dos seus inimigos enjaulados no circo da morte. Não só por transportarem, nas patas, micróbios insalubres, mas, ainda, por pousarem em matérias degradadas e porcas, tornam-se bichos nojentos.

Os Rapazes, como toda a gente civilizada, não as toleram, sendo o espectáculo descrito motivador de ruidosas gargalhadas.

Estas artimanhas feitas às repelentes moscas, são um exemplo vivo de outros ardis, com iscos bem mais escondidos, mas poderosos e sedutores onde, alguns de vós, meus caros Rapazes, podeis cair e ficar presos. Vós, toda a juventude e toda a gente.

A mais vulgar é a **comodidade** que eu aqui defino como fazer só o que gostamos, que, no momento, nos dá prazer e não exige esforço. Assim se foge das aulas para jogar a bola, brincar ou sair com os colegas e, com eles, meter-se em perigosas aventuras. Assim, também, se põe de parte o brio pelo estudo, bom comportamento, os hábitos de trabalho, de responsabilidade e a preparação do futuro.

Metendo-nos nesta armadilha, dificilmente atinaremos com a saída, a qual só pode estar num sério exame de consciência, num arrependimento sincero, no aborrecer radical e absoluto destas formas de vida, destas companhias e no amor a um ideal de dignidade.

Desatinados como as moscas no garrafão das ilusões, quantos Rapazes e Raparigas vedes desorientados, perdidos na vida, insatisfeitos e revoltados com tudo?!... Quantos?...

Hoje, nesta loucura da pós-modernidade, quantos homens e mulheres, mesmo na idade madura, se deixam seduzir e enredar como bichinhos sem discernimento!?!...

Onde falta **Deus** a iluminar os caminhos do homem, as **armadilhas** são um perigo iminente.

Padre Acílio

Setúbal

Continuação da página 1

vida desumana já começam a ser trilhados. A porta da delinquência abre-se mais facilmente que as portas que conduzem a uma vida com sentido.

Não lhe tem faltado apoio de técnicos, mas o desequilíbrio acentua-se com o passar do tempo. A situação está a ficar insustentável para o agregado familiar; que havemos de lhes dizer, nós que somos mais de acções do que de palavras?

A desagregação familiar, pela falta de estrutura humana, é muito grave nas suas consequências para o corpo social. Mas que consequências lhe virão por não cuidar bem dos enxertos, ainda que temporários, de membros que assim lhe permanecem estranhos?

Tanto rigor é imposto na Lei, à protecção de menores, e muitos a querem assim fazer cumprir àqueles que dos menores cuidam. Porque não existe este rigor em acompanhar situações concretas como estas, tratadas como desconhecidas e marginais ao conjunto dos problemas das crianças?

À criança não lhe basta ter familiares; precisa de família, presente e actuante a todas as necessidades de cada dia.

Padre Júlio

Benguela

Continuação da página 1

nho e ternura. Foi com muita alegria que, ontem, de manhã, meus olhos contemplaram, demoradamente, duas crianças pequeninas, recuperadas à morte certa, contentes, felizes, junto dos seus pais que passaram dias seguidos no hospital. Dar a mão, a tempo e horas, é salvar vidas que, doutro modo, se perdem, injustamente.

Ninguém deve sentir-se indiferente, diante do clamor das vítimas inocentes, quando temos no coração o poder de as ajudar a salvar-se. É verdade! A experiência é o grande livro da nossa história capaz de nos ajudar a entender o caminho certo a seguir, agora. Quem dera não vos falte o desprendimento necessário dos bens que tendes para sentirdes o caminho da libertação, capaz de contagiar a vida dos mais pobres.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Temos necessidade de duas imagens. Uma de Francisco de Assis e outra de Vicente de Paulo.

PAI AMÉRICO

De uma carta

«Sempre admirei a vossa preciosa e insubstituível acção formadora junto dos Rapazes, procurando despertar, neles, os autênticos valores que lhes permitirão ser homens de bem na vida futura. É uma tarefa árdua, de grande dedicação, mas nem sempre reconhecida e, por vezes, injustamente atacada.

A vossa persistência tem raízes na Fé, na consciência tranquila e na alegria das Bem-

-aventuras! Bem-hajam por quanto têm feito de maravilhoso.

Congratulo-me com os 75 anos da Obra da Rua, fundada com tanto carinho e dedicação pelo Grande Homem de Fé, Padre Américo. No Céu ele pede ao Senhor pelos Rapazes e por todos os que dedicam a sua vida ao serviço da Obra dos Rapazes!

Há muito que desejava manifestar-vos este sincero reconhecimento e admiração, não só pela minha parte, mas, também, por parte das pessoas com quem convivo.

Uma assinante».

DOCTRINA



Esta carta, sim!

AQUI há tempos um senhor amigo d'O GAIATO e ansioso da sua expansão, aconselhou-me a ir ter com os jornalistas de nomeada e pedir colaboração. Disse, até, nomes. Enquanto escutava as razões do amigo, ia dizendo com os meus botões: «Eis um coveiro de boa fé!» Sim. Seria a morte irremediável do quinzenal. Caía-lhe a crista, a seguir as penas, depois a morte! Os «fundos» compactos não são para aqui. Tão pouco os escritores. Esta carta, sim! Cartas como esta, sim! Ora tenham a bondade de ler. Eu cá subscrevo inteiramente, totalmente. Até a palavra «roubo», em vez de mito, ao falar das fortunas. E os banquetezinhos! E os senhores benfeitores! E os meninos nos enterros a cantar o «miserere» em virtude do legado ao Asilo!!

«**E**U, cuja vida se passa dentro das letras e literatices; eu que por vezes já não tenho paciência para ler os melhores autores, leio dum só trago O GAIATO. Porque O GAIATO não traz literatura, letras mortas, mas pedaços de vida, dessa vida universal, sem barreiras sociais, nem raças, dessa Vida com maiúscula de que tão poucos vêm a beleza.

Também eu idealizara fazer dentro do Ensino qualquer coisa de grande e belo. Não tinha porém envergadura e falhei. Por isso, a minha admiração pela Obra é maior ainda. Vejo realizar aquilo que eu idealizei e, por isso, eu 'associo-me' à Obra, visto que é ela que interessa. Por vezes, um chefe deficiente pode ser um magnífico auxiliar por estar integrado naquilo que se deseja realizar. O que importa é conseguir que deixe de haver párias na sociedade e que todos tenham direito a ser livres, material e moralmente, deixando os Pobres de ser animais domésticos vivendo das migalhas dos ricos, dando a estes uma ilusão de generosidade. E é preciso ainda acabar com os Asilos donde as crianças saem apenas com o pesado fardo duma eterna dívida de gratidão para com os ricos benfeitores. É preciso criar o gosto pelo trabalho, inculcar o direito e o dever de trabalhar e criar assim um lugar na sociedade. Desfazer o mito (para não dizer, roubo) das fortunas congeladas. Por vezes, quando cruço na rua com esses rapazes abandonados, esfarrapados, sujos e famintos, eu sinto vergonha e desgosto, mas um desgosto objectivo que vai mais longe do que a dor de os ver assim, que vai até à tristeza de pertencer a uma sociedade cega que ainda não viu verdades tão candentes. Que riqueza se todo este potencial humano fosse aproveitado! Como podem os grandes homens prever os benefícios futuros das fontes monumentais e dos banquetes de confraternização e ignorar a fonte de energia e riqueza que seria a 'humanização' do seu semelhante!

Porque eu sinto que esta Obra é um pouco a minha obra (perdoe-me a vaidade) eu não cesso de fazer a propaganda. Ela é oral, ela é escrita. Instalo-me e faço o prefácio à laia de aperitivo. Depois vai o 'Famoso?'. Ele é quem fala. Os números que tenho andam num virote. Já são só mesmo uma aparência de jornal. É eles de regresso à base e eles a partirem. 'Vamos a isto. Quem mais quer ler?' E, para 'simplificar', peço logo o dinheirinho, porque ele, às vezes, passa-se tanta coisa entre a intenção e a realização...! Mas o que sobretudo me dá satisfação é que não só eles pagam como por si começam a propaganda, encontrando-se, por vezes, 'inflamados' cada um com intenção de converter o outro.

Pode dizer ao 'Periquito' que Lisboa está a armar-se. É raro que não se comunique o fogo quando a nossa chama é clara e viva.»

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Família

EU a escrever sobre futebol! — Quem diria? Na verdade, porém, não é sobre futebol, é a propósito... E também a propósito de dores antigas e de uma alegria de agora relacionada com elas.

Não foi ainda há muitos meses que aqui toquei no assunto, quando de uma carta do Tó Zé a dar-me a notícia de que havia retomado a caminhada escolar e terminado uma etapa importante. Hoje é do Zé Tó, seu irmão gêmeo, que me vem a motivação: de um acórdão do Supremo Tribunal de Justiça que uma acção por ele movida provocou e dá um golpe em certa forma de escravidão, realidade que não é lembrança arrumada da História, mas acontece com frequência nestes tempos de luzes e de liberdades. O futebol também é contexto. E basta a libertinagem de dinheiro em jogo nesta área do Desporto para não constituir surpresa que assim seja.

Até agora, um jogador era praticamente presa do clube contratante, dado «o poder de intimidação das cláusulas indemnizatórias» se quisesse rescindir o contrato. A partir de agora «o alcance da expressão 'dono do passe' passará a merecer diferente atenção, porque os clubes, no fundo, deixaram de poder considerar-se verdadeiramente donos dos jogadores de futebol, antes simples entidades patronais ligadas aos seus funcionários por um contrato» e sem o dito poder de intimidação!

«O jogador perde o estatuto de uma mercadoria que pode ser vendida, trocada ou emprestada», explica um Professor da Universidade de Coimbra, especialista em Direito Desportivo». Rico «perder», se atendermos ao que ganha em respeito pela sua pessoa, pela sua liberdade, conforme este princípio que colho dos relatos de «A Bola», a que me

estou reportando, e diz assim: «No fundo irá prevalecer a ideia de que o verdadeiro beneficiado pela valorização de um atleta será o próprio atleta e não o clube com o qual este tem contrato».

Claro que os clubes também merecem consideração, aquela que teriam com certeza se regressassem da indústria, do comércio, do tráfico de influências ao mundo simplesmente do Desporto, com os seus ases vinculados pelo amor à camisola e sustentados por um salário digno no presente e capaz de fundar um futuro que tem de ser preparado aceleradamente nos poucos anos que o atleta tem para tal. E não seria preciso que o dinheiro corresse em torrente afrontosa de multidões em penúria, sabendo-se dos malefícios de todas as torrentes!

Belo seria, sim, que o Desporto nunca fosse campo de luta de classes nem oportunidade para escândalos sociais!

Na realidade que temos, não posso deixar de sentir alegria e honra porque «a partir de agora, qualquer jogador pode invocar o acórdão Zé Tó para definir o seu futuro». Oxalá «o acórdão assim denominado» promova «a consagração de liberdades que muito podem alterar o futebol português».

* * *

Tal como aconteceu no escrito de há meses, a que no princípio deste aludo, falando do Tó Zé e do Zé Tó, sempre a recordação muito querida do Lito se torna presente. E agora, por especial razão: Recebi, há dias, o seu convite para o casamento que será, em breve, na Suíça onde trabalha e vive e conheceu a sua noiva.

A distância, os anos, a vida não me permitirão estar lá nesse dia importante. Mas não serei ausente. Se sempre o tenho no coração, como não hei-de tê-lo *especialmente* nesse dia?! A ele e a ela!

Padre Carlos

Moçambique

A nossa vida...

TEMOS muitos rapazes a estudar fora da Casa. Uns em internatos, nos próprios estabelecimentos de ensino profissional, outros em casa de tios ou avós e alguns vão de Casa, todos os dias bem de manhã.

Dos que estão fora de Casa, alguns cuidam de si mesmos traba-

lhando em pequenos biscates, como o Telmo, a frequentar o segundo ano de Medicina Dentária, outros a título de estágio de fim de curso em trabalhos condizentes que lhes garantem o emprego. O Carlos que iniciou Agronomia, no Rio de Janeiro, para merecer a gratuidade do ensino, trabalha na cozinha e

serve à mesa no restaurante da Universidade. Quanto lhe valeu ter, em nossa vida familiar, onde segundo Pai Américo, nada do que pode ser feito por eles, será feito por estranhos, passado, desde novo, por essas ocupações!

O Governo moçambicano para não andar sempre de mão estendida a favor dos Pobres, que para os empreendimentos de vulto por muito tempo não deixará de fazê-lo, impôs, nos seus internatos, que os alunos cultivem a terra, para deixar de ser dependente do Programa Mundial de Alimentação. O Pascoal, que conseguiu entrar este ano na Faculdade de Zootécnica, tem de fazer, todos os dias com os colegas, como outros já o faziam na Escola Secundária de Agronomia. Pena que nem um tractor tenham, só triste enxada para preparar a terra. Não sei o que vão conseguir, mas que passam fome, passam.

Outros, porém, são um bico-de-obra. Alguns já estiveram matriculados em dois cursos e abando-

naram. Outros a trabalhar e a estudar à noite não aguentam e deixam o trabalho ou as aulas e se não aparecem a dar contas, como exigimos a todos, ficam suspensos, até que lhes chegue a hora do filho pródigo.

Outros, ainda, e estes a frequentar a Escola de Casa, não têm rendimento escolar. Transtornam o ambiente da aula e não há obrigação a que se agarrem. Roubam e mentem com a maior naturalidade. Por estes, quantas idas ao Psicólogo para que nos ajude a conseguir entendê-los, para, enfim, lhes abriremos o caminho. Por mais que

a vida em Casa seja acolhedora, regida por normas simples de ambiente familiar, de contacto directo com a natureza, que estejam amparados por colegas mais velhos, de comportamento estável, há, por vezes, vislumbres de melhoria, mas tão efémeros que há que esperar, aturar desvios, mergulhar no sobrenatural e rezar como Pai Américo: «Senhor eles são mais teus do que meus», não para descansar ou adiar as preocupações, mas para alcançar uma ajuda mais eficaz. É a nossa vida de Padres da Rua.

Padre José Maria

Malanje

Pesos mortos...!

A PARECERAM-ME dois que não conseguiram vencer. Nem sequer ganhar comida e um lugar. Culpa deles? Da sociedade que os repele? De empresas que só admitem operários que rendem?

Pesos mortos. Ninguém quer! Nem os nossos rapazes instalados em Casa: dormida, comer e aulas, os olham com simpatia. Antigamente acolhiam. Hoje, tudo mudou.

Faço um esforço por compreender e ir ao fundo dos problemas.

Há dias, vieram dois. Já têm trabalho. Agora os quartos, a cama, os pratos e o comer até ao primeiro ordenado? Por vezes, irrita-me. Perco a calma. E chegamos ao porto só aos empurrões. Para cúmulo, o dólar desceu. Em cada cem, menos quinhentos kwanzas. Santo António nos valha! Mas ele não pensa em kwanzas... Quem sabe?!

Depois duma longa ausência chegou o Luage. Sonhos altos. Somente com a sexta-classe e um pouco diminuído, quer um bom emprego. Pá e pico não são com ele. Há dias, foi aos Bombeiros.

Quer ser bombeiro. Temos aqui um futuro apagador de fogos? Esperemos.

Padre Telmo

Calvário

A sombra e a luz

SENTO-ME à mesa para escrever estas linhas. Pego na caneta. Ela espera enquanto penso no que lhe irei ditar. Acendo o candeeiro, colocado à minha esquerda, e reparo que a caneta projecta uma longa sombra sobre a mesa. A sombra é sinal da luz que encontrou um obstáculo. A correlação entre ambas é evidente: onde houver sombras, há sempre luz.

Na vida humana as sombras são uma constante. Não há mesmo vida sem elas. Às vezes, as sombras fazem penar, sofrer, causam dissabores, provocam desânimo. Mas é sempre bom recordar que a sombra supõe a luz. Para que esta se manifeste é necessário remover aquilo que provoca a sombra.

Quem não anseia pelo desaparecimento das nuvens para que o sol irradie a sua luz!

O senhor José era um homem dominado pelo álcool, com o tempo degradou-se totalmente. Toda a sua vida era escura. Todos o desprezavam. A família e os amigos torçavam deste andarilho errante.

Veio para nossa Casa e começou girar por aqui, a deitar a mão a quem lhe pedia auxílio. Nunca se nega. É o homem dos recados e das limpezas das ruas e dos jardins. Com os acamados é carinhoso, vive feliz. No fumo do seu cigarro sobem as mágoas antigas até se dissiparem com o vento. Reina luz nesta vida nova.

A Maria era uma indesejada dos seus familiares. Havia por lá bastantes desavenças. Era mesmo uma revoltada. As sombras deste viver chegaram até nós. A princípio, ninguém a queria por perto. Mas lentamente, o convívio com os outros e a responsabilidade de pequenas ocupações fizeram dela uma pessoa meiga. De manhã, é a primeira a levantar os doentes que o não podem fazer por si.

— *Eu gosto de ajudar.*

Podemos dizer o mesmo de tantos outros que por aqui vão passando.

— *Eu já aqui devia estar há mais tempo — dizia-me alguém.*

As sombras desfazem-se quando a luz irradia sem obstáculos. Mas há tantos que gostam de perpetuar as sombras não esperando pela luz.

Fazei, Senhor, que a luz do Alto dissipe as nossas trevas.

Padre Baptista

Dia Mundial da Criança

Continuação da página 1

A filosofia que preside ao acolhimento alterou-se. As respostas educativas e de acolhimento multiplicaram-se. O que revela mais atenção e rapidez na intervenção. O grande problema já não são as crianças, mas os adolescentes e grandes adolescentes que povoam as ruas das nossas cidades no abandono e entregues a expedientes vários. Também a estes o Estado chama crianças, mas sem soluções de acolhimento — o Estado e as Instituições.

É uma faixa etária numerosa e de difícil enquadramento. Há que investir em soluções de pre-

venção, mais atempadamente e sobretudo quando se não vislumbra outro caminho que não seja o de internamento a longo prazo. Há que ser justos e não preconceituosos com a solução institucionalizante, hoje, tão «diabolizada», mas a mais recorrente na hora da dificuldade...

Seja este Dia um bom motivo para todos nos considerarmos humildes e insuficientes diante do problema da criança, principalmente da desprotegida; de considerarmos todas as respostas convergentes à sua recuperação e orientação para a vida, quando a família se tornou ausente ou incapaz.

Padre João